



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**A MEMÓRIA DOS IMIGRANTES CHINESES A PARTIR DO ACERVO DE  
HISTÓRIA ORAL DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO DE SÃO PAULO<sup>1</sup>**

Maria Victória Ribeiro Ruy <sup>2</sup>

**Resumo:** Aqui propomos um debate a partir das transcrições de entrevistas realizadas pelo Museu da Imigração de São Paulo com imigrantes chineses no ano de 1997, em diálogo com as elaborações de teóricos dos estudos de memória e, como um referencial nos estudos de imigração, nos apoiamos em Abdelmalek Sayad. A diáspora chinesa, iniciada por volta de 1950, é razoavelmente estudada no mundo todo, mas ainda objeto de poucos trabalhos no Brasil. Os já existentes muitas vezes não focam em “ondas” específicas, correndo o risco de homogeneizar demasiadamente um grupo muito diverso de chineses ultramarinos. Aqui, portanto, optamos por focar na primeira década desta diáspora escolhendo as entrevistas de chineses que chegaram ao Brasil entre 1950 e 1960, em sua maioria vindos de Hong Kong e nativos do Cantão. Um outro enfoque que priorizamos são as expectativas e narrativas destes imigrantes a respeito de seus filhos, nascido ou ao menos crescidos no Brasil. Esta análise foi estruturada em três eixos principais. No primeiro, investigamos a configuração da comunidade chinesa em São Paulo a partir das entrevistas, e debatemos se é possível pensar em uma memória coletiva deste grupo. No segundo, focamos nos trechos nos quais os entrevistados esboçam algum tipo de identidade a respeito de si próprios e do grupo de imigrantes como um todo. No último, reunimos as reflexões a respeito da metodologia da história oral suscitadas pelas discussões anteriores.

**Palavras-chave:** imigração chinesa, história oral, memória.

O material analisado consiste em um conjunto de entrevistas de história oral realizadas, em 1997, pela pesquisadora Sônia Maria de Freitas, para compor o acervo do Museu da Imigração de São Paulo. Das entrevistas disponíveis, escolhemos aquelas realizadas com imigrantes chineses que chegaram ao Brasil entre 1952 e 1960, chegando a um total de nove entrevistas.

Apesar de não haver declarações por parte dos pesquisadores envolvidos a respeito dos critérios e métodos de escolha dos entrevistados, podemos esboçar algumas hipóteses a respeito deste processo. Dentro os entrevistados alocados no nosso recorte, quase todos ocuparam ou ocupam algum tipo de posição de destaque na comunidade ou na sociedade

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta discussões preliminares da pesquisa de mestrado em andamento.

<sup>2</sup> Mestranda e bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Endereço para contato: [mariavictoria\\_rr@hotmail.com](mailto:mariavictoria_rr@hotmail.com)



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



como um todo. Há um presidente de associação, instrutores de tai chi chuan e kung fu (pioneiros na disseminação destas práticas no Brasil), o fundador de uma cooperativa agrícola formada por famílias chinesas, um professor universitário e vários são empresários. Ao fim de várias das entrevistas a entrevistadora reforça um convite à Festa do Imigrante, realizada anualmente pelo Museu da Imigração desde 1996. Imagina-se, então, que a equipe buscou entrevistar figuras de alguma centralidade na “comunidade” chinesa (se é que podemos afirmar que exista uma, ou algumas) e aproximá-las do Museu e das suas atividades.

Não podemos afirmar por quais motivos ou condições, mas o corpo de entrevistados não é muito diverso – todos são homens, sendo que em uma entrevista a esposa do entrevistado faz uma singela participação, já que a entrevista se deu na casa do casal e ela estava presente. Também é notável que todos os entrevistados possuam ensino superior ou algum grau instrução mais avançado<sup>3</sup>. É de considerar que a pequena presença de mulheres e de pessoas de pouca instrução no espaço público pode ter modelado esta seleção, dificultando que os pesquisadores sequer conseguissem contatar membros destes grupos.

A metodologia empregada foi a de história de vida, ou seja, as perguntas começam abordando o local e data de nascimento do entrevistado, sua infância, seus deslocamentos ainda dentro da China, seus estudos, o deslocamento para o Brasil, casamento, filhos e as atividades econômicas exercidas. Para além das perguntas a respeito das vidas dos entrevistados especificamente, ao fim da entrevista surgem indagações sobre a formação de uma comunidade chinesa em São Paulo, tanto como espaços de convivência quanto instituições como associações e cooperativas.

Dos nove entrevistados, quatro nasceram em Cantão (ou Guangdong), três em Xangai e um em Nanquim. Todos se mudam para Hong Kong, onde vivem por alguns anos antes de imigrar para o Brasil, e alguns ainda viveram em outras regiões da China ou mesmo outros países antes disso. Essa experiência em Hong Kong parece funcionar como um “teste” para um deslocamento maior, intercontinental. Um dos entrevistados, Chu Wan Tai, conta que seus familiares mais velhos não se adaptaram ao choque cultural ao se mudar para Hong Kong e após algum tempo voltaram para a China continental – a língua constituía a principal

<sup>3</sup> Um deles é formado em contabilidade, sem especificar se seria um ensino técnico ou graduação. Outro é graduado pela academia de tai chi chuan e não menciona passagem por universidade ou faculdade – porém, trata-se uma entrevista breve e focada no tai chi chuan.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



dificuldade, uma vez que em Hong Kong se falava cantonês e estes migrantes falavam outros dialetos. Chu conta que essa adaptação foi mais fácil para os mais jovens.

Nem sempre a ascensão do regime comunista aparece como a grande causa da migração para Hong Kong, apesar da consolidação do novo regime ser mencionada em quase todas as entrevistas. A maioria também não menciona nenhum tipo de perseguição política. Em 1949, as tropas de Mao chegam ao Cantão, o que parece ser uma motivação final para a migração – e é a partir de 1950 que se verifica uma entrada consistente de chineses no Brasil, o que é afirmado pela entrevistadora.

A Hong Kong da década de 1950 era muito diferente da atual, sendo um lugar pouco promissor para “ganhar a vida”. Também era o caso das alternativas mais próximas, como Singapura ou Japão (ainda que, mesmo no Japão, a dificuldade com a língua e costumes fosse menor do que no Ocidente). A Europa, ainda recém-saída da Segunda Guerra Mundial, também não estava entre as opções. A saída favorita era emigrar para os Estados Unidos – porém, esta não era uma opção para os que tinham poucos recursos (Chu Wan Tai dá a entender que eram dificuldades tanto de obtenção de visto quanto de condições econômicas). Restava o Brasil, opção atraente, mas da qual pouco se sabia:

CWT: (...) um país de dimensões continentais, um país que com um pouco de esforço daria pra se viver, já tem uma tradição de imigração chinesa, mas é de ouvir falar e... você deve perceber quando o imigrante que não tem dinheiro, pelo menos com relação aos imigrantes chineses, quando ele vai pra um país a primeira coisa que ele pensa é não morrer de fome. Quer dizer é como suprir com comida a minha família, então pensando num país grande onde a terra é relativamente barata o Brasil seria uma opção. Além do mais naquela ocasião o Brasil era ainda receptivo aos imigrantes que não tinham qualificação técnica e nem recursos financeiros(...) (Chu Wan Tai, p. 6-7)

Os entrevistados contam que vieram ao Brasil praticamente sem referências prévias da paisagem ou dos costumes brasileiros. Alguns, mas não todos, relataram que tinham algum amigo ou parente que já residia aqui. Contam, porém, que muitos vinham sem conhecer ninguém. Criavam laços no navio, ou eram recepcionados por chineses desconhecidos que vinham ao porto receber a nova leva de imigrantes. Quase todos<sup>4</sup> vieram por “navio de companhia holandesa”, o único que fazia o trajeto de Hong Kong para Santos. Nestes navios, a grande maioria dos passageiros era de japoneses.

<sup>4</sup> O único entrevistado que relatou chegar ao Brasil de avião veio dos Estados Unidos, onde residia previamente.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



As principais atividades econômicas a que essa onda de imigrantes se dedicou foram num primeiro momento pequenos negócios como pastelarias, restaurantes, lavanderias e lojas. Alguns com mais posses instalaram pequenas fábricas e um grupo minoritário se dedicou à agricultura – um dos entrevistados, Ho Ning Yet, fundou uma cooperativa agrícola<sup>5</sup> com outros 20 chineses em Mogi das Cruzes. A preferência geral, entretanto, era pelas empreitadas urbanas. Chu Wan Tai explica essa preferência pelo interesse em formar os filhos em boas instituições, além da vantagem de alimentar a própria família:

CWT: Porque quem tem um restaurante primeiro jamais morre de fome, porque no final do dia sempre tem um resto que não consegue vender e a família pode comer e na segunda instância, isto acontece até hoje com os imigrantes chinês, você vai nos Estados Unidos e na Europa que se sente muito a dificuldade, você pode dormir no restaurante... que eu já dormi muitas vez em saco de arroz. (Chu Wan Tai, p. 8)

Nestes estabelecimentos, o trabalho era quase todo familiar ou então contavam com o trabalho de outros chineses – alguns entrevistados relatam que trabalharam em restaurantes de outros chineses quando chegaram, até conseguirem se estabelecer. Os filhos desses chineses, ou a segunda geração, quase sempre se dedicam a profissões liberais, em especial a engenharia, a medicina e a advocacia.

## **Comunidade e memória coletiva**

A partir do que já foi descrito, é notável que havia alguma rede de apoio e de interesses em comum entre estes chineses. Porém, não é com esta mesma certeza que podemos localizar a formação de uma comunidade chinesa. Esta parecia ser uma indagação da própria entrevistadora, que em todas as entrevistas pergunta se os entrevistados e suas famílias participavam da “comunidade”. A resposta quase sempre é que não: não havia tempo para conviver com outros chineses, nem muito interesse<sup>6</sup>. É curioso que essa declaração parte mesmo destes indivíduos que, aparentemente, ocuparam papéis de envolvimento comunitário, como presidir associações e cooperativas. Chow Chin Chien toma como referência as comunidades de japoneses e coreanos para pensar os chineses:

Museu: é, os chineses aqui em São Paulo eles estão bastante espalhados não?

<sup>5</sup> A cooperativa é fundada em 1965 e dura cinco ou seis anos, fechando por inadimplência e porque “o sistema mudou”, dando a entender que as condições para pequenos agricultores ficaram mais hostis.

<sup>6</sup> A falta de interesse não chega a ser verbalizada dessa maneira, a justificativa principal é a falta de tempo e as respostas não se alongam para além disso.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



CCC: sim, sim. Não, estão unidos com Coreano ou Japoneses, cada um se vira.

Museu: porque será que é diferente com os chineses?

CCC: é um pouco diferente. Em parte é um pouco... quando há possibilidade de procurar saída, individualmente eles preferem fazer isso ao invés... ah! um ajuda outro, não tem nada disso. Por que ao fim depois sair brigas, sair problema, mais complicado né? Se fosse sozinho, tem uma solução...melhor fazer sozinho. Eu acho que a maioria tem esse tipo de pensamento, de nossa classe vamos dizer, nossa classe. (Chow Chin Chien, p. 13 e 14)

Haveria ainda, especialmente entre aqueles que chegaram nas décadas seguintes, diferenças políticas e culturais entre os chineses. James Lee Hoi On, presidente de uma das associações de chineses, diz que há, no momento (em 1997), mais de 20 associações diferentes em São Paulo. Algumas alinhadas à Pequim, outras a Taiwan ou Formosa. Ainda que não mencionado pelos entrevistados, é de se considerar também que, dependendo da região de origem, estes imigrantes nem mesmo falam as mesmas línguas. Chu Wan Tai, por exemplo, aprende mandarim apenas no Brasil, já que em Hong Kong falava cantonês e sua família falava o *ha ka*.

A associação fundada por James Lee Hoi On foi uma orientação do embaixador da China – na época, em 1980<sup>7</sup>, não havia consulado da China em São Paulo, já que as relações diplomáticas haviam se reestabelecido há pouco. A associação, então, serviria de ponte entre a embaixada e os chineses que desejassem regularizar documentos e coisas do tipo. No momento da entrevista, a associação também promovia o ensino de línguas.

Se é pertinente ou não falar em memória coletiva é uma polêmica entre os teóricos do tema. As contribuições de Halbwachs sobre foram definidoras para que os estudos da memória se consolidassem na historiografia e na sociologia ao afirmar a memória individual como indissociável do âmbito social – legitimando então que estas disciplinas tomem a memória como um de seus objetos de investigação. Outros autores, entretanto, veem a memória coletiva de maneira menos harmoniosa que Halbwachs o faz.

Autores como Michael Pollak optam por esmiuçar as relações de poder que produzem exclusões dentro da memória coletiva, que possui, portanto, um caráter “destruidor, uniformizador e opressor” (POLLAK, 1989, p. 2). Com alguma proximidade, Fernando Catroga aponta que a anamnese<sup>8</sup> se dá dentro de quadros sociais e é responsável por dar

<sup>7</sup> Não fica claro se a fundação se deu na década de 1980 ou no ano de 1980.

<sup>8</sup> Processo por meio do qual a identidade unifica a complexidade dos tempos vividos (CATROGA, 2001, p. 17)





**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



coerência aos grupos (CATROGA, 2001, p. 19). Para Le Goff, é justamente porque a memória coletiva é um elemento essencial da identidade que ela se torna um instrumento de poder (LE GOFF, 2014, p. 477). Quando se trata da história oral em específico, Portelli aponta que esta metodologia e as memórias não irão oferecer um “esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (PORTELLI, 1996, p. 8). A aplicação do conceito de memória coletiva, e como fazê-lo, portanto, deve ser analisada com cuidado.

As elaborações de Joel Candau nos são especialmente interessantes aqui porque esmiúçam em que cenários é mais ou menos pertinente pensar em uma memória coletiva ou identidade coletiva. Este autor também está entre os que aproximam estes conceitos com muita desconfiança – aponta que estas retóricas holistas se apoiam em generalizações frágeis demais, ao mesmo tempo em que se tornam inverossímeis. Candau aponta que, empiricamente, é impossível constituir uma memória coletiva, uma vez que as representações mentais jamais serão idênticas em todo um grupo, nem são assim acessíveis a quem as pretende estudar. Porém, em certas condições, certos estados mentais podem ser compartilhados por pelo menos uma boa parte de um grupo – é aí que o grau de pertinência do uso destes conceitos aumenta, se torna mais atraente.

Candau elenca como uma das falhas da retórica holista o fato de que nenhum grupo existe grupo fechado, todos tem contato com pessoas “de fora” que emitem julgamentos e opiniões que, por sua vez, afetam aquele membro. O autor conclui então que, quanto mais isolado o grupo, maior o grau de pertinência da retórica holista, isto é, do uso do conceito de memória coletiva. Quando pensamos nos chineses entrevistados, podemos notar que não é um grupo isolado – diferente de outros grupos imigrantes que constituíram colônias no interior dos estados, os chineses se estabeleceram prioritariamente nas grandes cidades, não necessariamente todos num mesmo bairro ou região, por vezes sem ter outros chineses de seu convívio cotidiano, a não ser suas próprias famílias. O que nos leva a outro critério adotado por Candau: um “forte e denso conhecimento recíproco” também favorece um maior grau de pertinência das retóricas holistas, pois em grupos onde há um frequente compartilhamento de memórias individuais as representações do passado tendem a se homogeneizar (CANDAU, 2012, P. 46). Outra característica que não encontramos entre nos relatos.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Ainda, o amparo teórico de Candau não serve apenas para analisar o grau de pertinência de conceitos holistas neste ou aquele contexto, mas também para refletir sobre o porquê do surgimento de uma memória compartilhada. Melhor do que surgimento, estaria mais alinhado às suas elaborações falar em um orquestramento de uma memória compartilhada, a partir de uma demanda identitária, que busca uma solidariedade e uma mobilização do grupo (CANDAU, 2012, p. 47). Além da definição de seus contornos, para o autor é este fim que diferencia a “memória forte” da “memória fraca”. A memória forte, além de coerente e imposta, tem a função de organizar e estruturar o grupo, bem como suas representações de si mesmo. Enquanto isso, a memória fraca tem contornos difusos (o que faz da identidade coletiva do grupo algo relativamente inatingível) e pode até mesmo desestruturar o grupo (CANDAU, 2012, p. 44). Por consequência, quanto mais forte a memória, maior o grau de pertinência.

Embora possa ser ousado demais iniciar essa indagação com a expectativa de respondê-la em definitivo, podemos nos perguntar que condições influenciaram essa coesão (ou não coesão) de grupo. Comentamos anteriormente a heterogeneidade política e cultural do grupo – Candau comenta que, por vezes, a memória do grupo é fraca porque este sofreu mutações (CANDAU, 2012, p. 45). James Lee Hoi On comenta que as associações nem mesmo comemoram as mesmas datas comemorativas, e os demais entrevistados não mencionaram festas tradicionais ou religiosas, que não os aniversários dos familiares. Catroga comenta como os ritos anamnésicos tem “efeitos holísticos” e desempenham uma função central para as sociabilidades (CATROGA, 2001, p. 25). Podemos considerar ainda que esta já não era a primeira vez que estes indivíduos se deslocavam para uma sociedade culturalmente muito diferente – ainda que com alguma diferença de grau, a experiência em Hong Kong já servira de “treinamento” para adaptar-se em um cenário distinto. Talvez esta condição tenha dispensado a tal “demanda identitária” por solidariedade e mobilização.

Uma pergunta que reaparece em várias as entrevistas indaga sobre a ausência de *chinatowns* no Brasil. Parece ser um dos objetivos dos pesquisadores descobrir como os chineses explicam que nos Estados Unidos estas vizinhanças tenham se formado, e no Brasil, não. As respostas associam a formação das *chinatowns* com a discriminação enfrentada nos EUA, mas supostamente ausente no Brasil:



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Museu: Agora, senhor Lee porque que em São Paulo não houve um chinatown como tem em São Francisco?

JLHO: Porque... eu acho é, Brasil é muito livre, não tem discriminação social... racial, quer dizer, não tem criminal racial.” p.9

Museu: Discriminação?

JLHO: Dis... Discriminação racial né? É muito livre... então... não tem aquele pressão né?, ele pode viver qualquer lugar. Na China... nos Estados Unidos é diferente né? Quando vê chinês tem algum cidade... outro centro melhor lugar que é mais nobre, você não consegue viver lá. Então eles vão ficar na Chinatown... (JAMES LEE HOI ON, p. 9)

Pensando o exposto acima, nos parece pouco convincente tentar elaborar a respeito de uma memória coletiva dos imigrantes chineses – ao menos a partir dos relatos destes entrevistados. Por mais que a memória sempre tenha uma dimensão coletiva, já que a formação do indivíduo é inseparável de como se relaciona com os valores da sociedade e grupos (CATROGA, 2001, p. 25), isto por si só não garante que haja no grupo uma memória compartilhada. Ainda que os relatos não entrem em contradição entre si (mas também raramente atribuam sentidos a estas memórias), a vivência do grupo não indica a formação de “uma” memória coletiva.

## **Identidade**

A memória e a identidade operam em uma dialética de maneira que é inviável pensá-las em separado – como colocou Candau, “não há busca identitária sem memória, e inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade” (CANDAU, 2012, p. 19). Para Elizabeth Jelin, o núcleo de qualquer identidade está ligado a um sentido de permanência (mesmidade) ao longo do tempo e espaço (JELIN, 2002, p. 7), e o poder de recordar e rememorar é o que sustenta a identidade. Mais uma vez, podemos pensar os impactos da ausência de ritos comemorativos para a memória e a identidade. Para a autora, os parâmetros de identidade, para além de enquadrar memórias, definem com quem o indivíduo se identifica e com quem se diferencia.

Na mesma linha de evitar recorrer a uma concepção holista de identidade, mas preferindo observar como essa identidade é negociada dentro de cada entrevistado e sua narrativa, trazemos alguns trechos que envolvem representações dos imigrantes sobre si mesmos enquanto imigrantes chineses, ou mesmo de todo o grupo. Chu Wan Tai, cujas





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



reflexões mais de uma vez se destacam do conjunto<sup>9</sup>, apresenta uma explicação sobre o caráter transnacional e difuso do imigrante chinês, ou do chinês ultramarino, como ele próprio diz:

CWT: É muito difícil precisar hoje quantos chineses ultramarinos existe no mundo. Por que? Porque eu tive 4 nacionalidades, oficialmente hoje eu sou brasileiro, meu irmão é americano, a minha esposa é brasileira, e eu tenho primos italianos, franceses, espanhóis. **Então o que é um Chinês?** (...) O fato de estar no Brasil com passaporte brasileiro não exclui creio eu a minha situação de ser um chinês. Quer dizer, se eu voltar na China apesar de eu não dominar a língua eles sabem que eu sou um chinês ultramarino. Eu acho a situação idêntica mais ou menos com relação aos judeus, quer dizer eles podem ter várias nacionalidades mas eles não deixaram jamais de serem judeus. (Chu Wan Tai, p. 3. Grifo nosso.)

Ao apontar traços comuns aos chineses, o entrevistado reforça alguns estereótipos recorrentes sobre asiáticos e mesmo sobre imigrantes – de que são morigerados, “sérios”, bem-sucedidos e avessos à criminalidade ou ao “ócio”. Com esta passagem, é possível pensarmos o papel da história oficial e da memória social na construção dessas narrativas, afinal, estas concepções de asiático e de imigrante tem lastro na história oficial do Brasil e também no senso comum. Conjuntamente a isso, é de se considerar também que se trata de uma entrevista ao Museu da Imigração – Jelin aponta como toda memória narrativa constrói um novo compromisso entre passado e presente, e neste jogam entram censuras, narrativas socialmente aceitas, expectativas do interlocutor, etc (JELIN, 2002, p. 9):

CWT: Então essa cultura, essa herança cultura em comum, eu acho esse é um fato que caracteriza o chinês. O segundo eu acho que são certos valores que são legados pela tradição oral ou pela formação né?. O confucionismo sem sombra de dúvida é um dele né?, **a ênfase no trabalho, na seriedade, a... ênfase nos estudos.** Eu vou dar um outro exemplo: dificilmente e pelo menos nos países onde a imigração chinesa foi mais acentuada você vê um chinês no sistema de Wallfer<sup>10</sup>, por exemplo nos Estados Unidos. **Você não vê tantos chineses envolvidos em criminalidade...** certo?, como outros povos também... orientais. (Chu Wan Tai, p. 4. Grifos nossos.)

Mais esforços para “positivar” o chinês e a própria China são encontrados:

JLHO: No... chinês é... tem uma coisa, ele fazendo muito bem pra Brasil. Desde aquele tempo de João VI, trás a turma que vem plantar chá (...) Chá é

<sup>9</sup> Dentre as entrevistas selecionadas, Chu Wan Tai é o único entrevistado que nasce na China, mas vem ao Brasil ainda criança. A rigor, é um imigrante de primeira geração, mas que partilha de experiências distintas daquelas dos imigrados adultos, que podem ter possibilitado essas reflexões.

<sup>10</sup> Provavelmente Welfare, ou assistência social.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



uma civilização da China, tem tantos mil anos toma... tomar chá né? É uma... é uma significação de civilização da China não é? (James Lee Hoi On, p. 22)

Entretanto, no trecho a seguir o entrevistado rejeita a leitura apresentada do Brasil como um país “caótico” e da China como ordeira, demonstrando que estes estereótipos nem sempre são reforçados pelos entrevistados:

Museu: Mas... o senhor não achou assim quando chegou, não achou muito estranho, esse país é muito avacalhado assim... você comparar...

CCC: Não, não não.

Museu: ... o código chinês, o código oriental, os valores orientais... com o ...

CCC: Tudo tem a sua razão, tudo tem sua razão.

Museu: ... os países orientais né? É muito diferente, é muito diferente né?

CCC: Porque... o Brasil nunca sofreu guerra, e não dizer teve guerra do Paraguai, essa nem... nem... (Chow Chin Chien, p. 19)

A ascensão econômica da China durante a década de 1980 impactou a identidade dos chineses, quando seu país de origem passa a ser visto de maneira mais positiva. Se a memória traz reinterpretações de lembranças do passado a partir de demandas e expectativas do presente, a identidade opera da mesma forma. Chu Wan Tai identifica esse ponto de flexão:

[Após contar que ele e a esposa conversam em português e a entrevistadora reagir com surpresa] CWT: É, também há uma explicação pra isso né? Nós temos que voltar um pouco novamente ao tempo e no espaço. Até 1985, 86 a imprensa internacional ou a comunidade internacional, talvez no começo dos anos 80 considerava a China como esse grande bicho papão né?, esse inimigo do capitalismo, inimigo da liberdade e da democracia e a China também não contribuiu muito pra isso já que é um país eminentemente fechado, quer dizer não havia abertura pra o exterior. Hoje passado quase 15 anos depois dos anos 80, essas coisas mudaram. Hoje a China é considerada a super potência, hoje há um interesse econômico em voltar a estudar o chinês, tá certo! Hoje qualquer fato que acontece, como recentemente no Hong-Kong tem um efeito mundial, então há um interesse maior para os imigrantes da... filhos de imigrantes e netos de imigrantes voltar a aprender essa língua, porque há um efeito **econômico e há também um pouco do orgulho**. Porque dez anos atrás... (Chu Wan Tai, p. 10. Grifo nosso.)

A assimilação, seja dos imigrantes, seja dos seus filhos, também é sinalizada:

Museu: Quer dizer que você... a sua cabeça é um pouco Ocidental, quer dizer um pouco Chinês um pouco Brasileiro, é isso?

MH<sup>11</sup>: É, eu diria que... é muito brasileiro né?, porque dos 6 anos até agora. Agora você tem algumas raízes que você preserva da cultura né?, e que te leva a tentar procurar, pesquisar, ter uma ligação maior com essas raízes né?

<sup>11</sup> Marco Ho é filho de Ho Ning Yet e, como sua mãe, estava presente na entrevista do pai e responde algumas perguntas. Marco se mudou para o Brasil aos 6 anos de idade.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Então essa questão do tai-chi, a questão do Taoísmo né?, o equilíbrio entre os extremos, esse tipo de coisa né? (Ho Ning Yet, páginas 24-25)

HNY: ... eu pensar Brasil é uma coisa... grande país, é muito bom pra mim.

HSDV<sup>12</sup>: Nós gosta muito.

HNY: Se agora volta pra China, é quase não dá pra viver mais.

HSDV: Ah! é. HNY: Eu agora fica a 99% de brasileiro. (Ho Ning Yet, p. 25-26)

Aqui cabe resgatarmos a contradição fundamental da imigração segundo Abdelmalek Sayad e seus desdobramentos. Esta contradição se dá entre a concepção de imigração como provisória, e sua realidade presente, que é permanente. À medida que o caráter permanente do imigrante se evidencia, a contradição se aprofunda e a sociedade de imigração se coloca no papel de “credora”, atribuindo a si mesma a tarefa e o mérito de “educar” (ou assimilar) os imigrantes. Isso passa discriminar os que se recusam a fazê-lo, e celebrar aqueles que se assimilam. Ainda neste tema, Candau diz sobre a identidade étnica que “a completa assimilação pode ser questionada enquanto aqueles indivíduos não esqueceram completamente suas origens” (CANDAU, 2012, p. 18).

Porém, nem sempre a assimilação é comemorada nas entrevistas. Mais de um entrevistado relata que gostaria que os filhos e filhas se casassem com chineses, ou ao menos com japoneses, mas isso não aconteceu. Em um desses casos, o entrevistado relaciona o casamento com brasileiros com o fato das filhas serem “mais brasileiras do que chinesas”. O estranhamento dos filhos por parte dos imigrantes também é objeto de investigação de Sayad – é como se a contradição da imigração e o sistema de referência duplo em meio ao qual vivem se agudizassem na constatação de que os filhos lhe são estrangeiros. Porém, ao mesmo tempo, é motivo de orgulho e júbilo quando estes filhos são bem sucedidos na sociedade de imigração (se formam, conseguem bons empregos, etc). A formação dos filhos é apresentada como uma grande conquista em várias entrevistas. Como colocou Sayad, para alegria e tristeza dos pais, os filhos “são e não são” (SAYAD, 1998, p. 227).

Os episódios de discriminação são sempre localizados no passado, como se não houvesse a expectativa de que viessem a se repetir. As piadas relacionando chineses a pastelarias são mencionadas como algo já superado: “conforme eu falei os chinês entram basicamente no comércio que é o bazar, comida, o restaurante ou a pastelaria; durante muito

<sup>12</sup> Ho Shen Di Vae, esposa de Ho Ning Yet.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE

UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



tempo havia piada sobre chinês pasteleiro e lavadeira” (CHU WAN TAI, página 7). Há ainda as afirmações de que não há discriminação contra chineses no Brasil, mencionadas anteriormente. Considerando o profundo enraizamento do mito da democracia racial na mentalidade brasileira, é possível esta seja mais uma interação entre a memória e as narrativas socialmente aceitas.

Ainda sobre experiências de discriminação, uma passagem merece atenção especial:

CWT: E esse também é **uma memória viva no meu banco de dados**. Com passaporte português apesar de ser um cara de chinês eu descia em todos os portos e furava todas as filas, e se eu tivesse um passaporte chinês tinha que ficar numa fila enorme, sendo questionados pelas autoridades portuárias, porque quê você quer descer, etc. (Chu Wan Tai, p. 7. Grifo nosso.)

Chu Wan Tai explicita como esta lembrança é especialmente “viva”, possivelmente pela ruptura na expectativa e na evidência da discriminação em território estrangeiro. Jelin aponta como as rupturas na rotina “involucram” o sujeito de maneira diferente, podendo desencadear a reflexão e a busca de sentido (JELIN, 2002, p. 9). Ao desenvolver sobre o esquecimento e a persistência de rastros, Ricoeur elabora que, para além do rastro documental e cortical, é essencial a marca afetiva que o acontecimento deixa no espírito para a sobrevivência da imagem (RICOEUR, 2008, p. 436).

## **Sobre a metodologia da História Oral e os não ditos**

Uma orientação presente na bibliografia que se verificou nesta pesquisa é que a análise de entrevistas realizadas e transcritas por outros pesquisadores se torna muito mais limitada, por inúmeros motivos. Como explicou Thomson, a transcrição não é capaz de deixar transparecer o modo de falar, as expressões faciais, movimentos corporais, tom da voz, hesitações, silêncios. Mesmo quando a transcrição inclui “risos” ou reticências, isso pouco diz para quem não estava presente no momento da entrevista. Essa leitura nas entrelinhas é fundamental para captar, por exemplo, o quão confortável os entrevistados estão em narrar suas trajetórias de vida, se as respostas vêm de pronto ou se o entrevistado precisa de tempo para recuperá-las, se certas perguntas ou lembranças o deixam nervoso, feliz, melancólico.

A elaboração das perguntas é outro obstáculo. O roteiro de entrevista é, como não poderia deixar de ser, estruturado a partir dos objetivos de pesquisa a que é vinculada a



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



entrevista. Mesmo a duração e profundidade da entrevista são definidas a partir dos interesses da pesquisa. Tivemos então de contar com a eventual coincidência de objetivos.

Ao menos a partir do que é possível analisar nas transcrições, todos os entrevistados foram capazes de responder todas as perguntas, sem ser acometidos por esquecimentos ou se recusarem a responder. Entretanto, a maioria dessas respostas era curta: respondiam precisamente o que era perguntado, algumas poucas vezes se estendendo para outros assuntos ou para explicações daqueles acontecimentos.

Portelli orienta abandonar a ilusão de que seria possível esgotar algum assunto em entrevista ou obter informações totalmente completas – os entrevistados sempre contam apenas uma parcela do que sabem (PORTELLI, 1997, p. 46). O autor reforça ainda a importância em aceitar os silêncios, e que estes são tão importantes quanto as palavras.

São inúmeros os motivos que poderíamos listar para esquecimentos e silêncios, desde a ansiedade durante a entrevista ao fato de que essas lembranças talvez não fossem rememoradas há muito tempo. Mas uma explicação amplamente discutida pela bibliografia dos estudos de memória é que a rememoração é um processo altamente seletivo, voltado a forjar uma coerência que dê fundamento à identidade. Como Catroga coloca, a memória opera como uma “previsão ao contrário”, domesticando o aleatório, a descontinuidade para dar coesão à vida, à identidade do narrador (CATROGA, 2001, p. 21). Na rememoração, as lembranças que atentem contra a coerência desta narrativa tendem a ser esquecidas ou silenciadas. Aqui, é interessante retomar a lição que Ricoeur traz da psicanálise: o trabalho de rememorar traz consigo o luto de perder objetos de amor e ódio (RICOEUR, 2008, p. 453). A quebra na coerência individual e do grupo que certas rememorações podem provocar serão acompanhadas de luto, e, portanto, é mais do que compreensível que se deseje mantê-las “onde estão”.

## Referências

### Fontes

FREITAS, Sônia Maria de. Memorial do Imigrante (São Paulo, SP). História Oral – Lawrence Phi. 27/01/2003.

\_\_\_\_\_, MARSULO, Marcos. História Oral – Ho Ning Yet. 02/11/1997.





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021** PRESENTE  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



- \_\_\_\_\_. História Oral – James Lee Hoi On. 31/10/1997.  
\_\_\_\_\_. História Oral – Chan Kowk Wai. 31/10/1997.  
\_\_\_\_\_. História Oral – Chu Wan Tai. 29/10/1997.  
\_\_\_\_\_. História Oral – Chow Chin Chien. 20/10/1997.  
\_\_\_\_\_. História Oral – Wong Sun Keung. 24/10/1997.  
\_\_\_\_\_. História Oral – Joseph Chung Chien Lao. 27/10/1997.

### Referências bibliográficas

- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. 1ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- CATROGA, F. **Memória, História e Historiografia**. 1ª ed. Coimbra: Quarteto editora, 2001.
- JELIN, Elizabeth. ¿De qué hablamos cuando hablamos de memorias? In: \_\_\_\_\_. **Los trabajos de la memoria**. Siglo Veintiuno Editores, 2002.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão [et all]. 7ª edição revista, Campinas. Editora da Unicamp: 2014.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, vol. 2 nº 3. Rio de Janeiro: 1989, pp. 3-15.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**: Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 59-72, 1996.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História** (15). São Paulo: EDUC, 1997. p. 13-49.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- THOMSON, A. Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. **HISTÓRIA ORAL**, 4, 2001, p. 85-101.